

PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES EM UM ASSENTAMENTO DO MST:

A experiência do Tirocínio Docente

WISLEY MIRANDA PEREIRA
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

EDNA SOUZA MOREIRA
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Resumo

O presente Relato de Experiência tem como objetivo analisar as práticas interdisciplinares de uma aula de campo no Assentamento Terra Vista, pertencente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. A aula de campo ocorreu durante o processo de Tirocínio Docente do primeiro autor desse estudo. O Tirocínio Docente faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS, pertencente a Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI. Para alcançar os resultados aqui descritos, lançou mão de ferramentas e procedimentos metodológicos, no qual, o diário de campo foi uma importante ferramenta de anotações para o registro de observações advindas por parte do olhar do pesquisador, bem como, das falas de algumas lideranças do Assentamento Terra Vista. Para analisar tais registros, fez-se o uso da abordagem qualitativa, utilizada principalmente em pesquisas das ciências sociais que venham analisar as relações humanas. Os resultados demonstram as relações extensionistas entre a universidade e as comunidades externas, e as diferentes práticas interdisciplinares vistas no Assentamento Terra Vista, como por exemplo: os processos de manejo agroecológico, as relações dos povos do campo com o meio ambiente (configurando uma relação homem-natureza), bem como das relações entre juventudes e trabalho.

Palavras-chave: Práticas Interdisciplinares. Tirocínio Docente. MST.

5604

Abstract

This Experience Report aims to analyze the interdisciplinary practices of a field class in the Terra Vista Settlement, belonging to the Landless Rural Workers Movement – MST. The field class took place during the Teaching Training process of the first author of this study. The Teaching Training is part of the Postgraduate Program in Teaching, Language and Society – PPGELS, belonging to the State University of Bahia – UNEB Campus VI. To achieve the results described here, methodological tools and procedures were used, in which the field diary was an important note-taking tool for recording observations arising from the researcher's perspective, as well as the speeches of some leaders. of the Terra Vista Settlement. To analyze such records, a qualitative approach was used, mainly used in social science research that analyzes human relationships. The results demonstrate the extension relations between the university and external communities, and the different interdisciplinary practices seen in the Terra Vista Settlement, such as: agroecological management processes, the relations of rural people with the environment (configuring a human relationship -nature), as well as the relationships between youth and work.

Keywords: Interdisciplinary Practices. Teaching Training. MST

Introdução

O presente Relato de Experiência aborda as práticas interdisciplinares observadas em uma atividade de campo no Assentamento Terra Vista. A atividade de campo aqui descrita, ocorreu no processo de Tirocínio Docente, realizado na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XII, na turma do IV semestre Matutino de Licenciatura em Pedagogia.

Para facilitar a compreensão do leitor, inicia-se a escrita evidenciando a compreensão de interdisciplinaridade utilizada neste texto. Aqui utiliza-se a compreensão de Santos et al, (2020). Para esse autor, a interdisciplinaridade efetiva se constrói na sociedade e no indivíduo, essa percepção panorâmica dos acontecimentos, fenômenos e das relações é o desafio posto na contemporaneidade. Trazer da teoria à prática a concepção interdisciplinar que visa contribuir com a emancipação do indivíduo enquanto cidadão e que se traduz na busca pela efetivação, concretização e materialização da interdisciplinaridade é a proposta para a ausência da fragmentação dos saberes.

A presente concepção de interdisciplinaridade proposta por Santos et al, (2020) é algo analisado no Assentamento Terra Vista, que é um dos vários assentamentos que fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. O local se torna conhecido diante as relações interdisciplinares desenvolvidas com o meio acadêmico, que culmina na criação de um ambiente de apreciações e compartilhamento de saberes. Esses intercâmbios demonstram o prestígio externo do assentamento perante professores/as, pesquisadores/as, discentes e o público em geral.

Desse modo, percebe-se a importância de conhecer o Assentamento Terra Vista, considerando o seu papel impar dentro do meio acadêmico, bem como nas camadas populares, compartilhando saberes ancestrais, culturais e científicos. O Assentamento Terra Vista é fruto da reivindicação de populares que lutaram pela efetivação do Projeto Popular de Reforma Agrária, e que hoje são vistos como referências para as futuras gerações, provando que a luta é essencial dentro das massas.

Perante o exposto, organizou-se o Relato de Experiência da seguinte maneira: na presente Introdução, um contexto de forma geral, abordando a sua origem e a importância de conhecer o assentamento Terra Vista. Na Metodologia, evidencia como o pesquisador conduziu o estudo, bem como os instrumentos metodológicos usados para alcançar as informações aqui explicitas. O uso do diário de campo e a abordagem qualitativa fez-se necessário para alcançar e analisar as informações aqui descritas. No que compete ao referencial teórico, demonstra-se as relações extensionistas entre a universidade e a comunidade externa, bem como informações

acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. Logo depois, é posto os resultados observados e encontrados na aula de campo ao Assentamento Terra Vista. O estudo segue com as considerações finais e as referências utilizadas no decorrer do texto.

Metodologia

A aula de campo descrita no presente relato de experiência, traz as vivências ocorridas no período de atuação de Tirocínio Docente. O tirocínio docente ocorreu na turma do IV semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, do turno matutino, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XII, em Guanambi/Bahia¹.

A aula de campo aconteceu nos dias 4 e 5 de outubro, do ano de 2023, em que proporcionou aos discentes das turmas do IV semestre do turno matutino e noturno do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB Campus XII em Guanambi/Bahia, uma visita ao Assentamento Terra Vista, que pertence aos assentados do MST, e que fica localizado na cidade de Arataca², município que compõem o Litoral Sul do Estado da Bahia.

De acordo com os/as professores/as regentes das turmas do IV semestre matutino e noturno do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB Campus XII em Guanambi/Bahia, as turmas são compostas por aproximadamente 35 discentes em cada sala/turno, sendo eles/as em sua grande maioria do sexo feminino, como por exemplo, no turno matutino, que com o quantitativo de 35 pessoas, 34 são do sexo feminino e 1 pessoa do sexo masculino. Suas idades variam entre 19 a 28 anos, os discentes são residentes dos espaços rurais e urbanos de cidades pertencentes ao Território de Identidade Sertão Produtivo da Bahia.

O tirocínio docente faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI, em Caetité/Bahia³. O tirocínio docente do PPGELS tem como objetivo a formação profissional e pedagógica, assim como a aproximação da pesquisa desenvolvida pelo estudante com o seu produto desenvolvido no final da pós-graduação.

¹ Cidade localizada na região Sudeste do Estado da Bahia, com população de aproximadamente 87.817 pessoas, e com área territorial de 1.271,366 km², de acordo com dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

² Cidade localizada no Litoral Sul do Estado da Bahia, com população de aproximadamente 10.191 pessoas, e com área territorial de 435.962 km², de acordo com dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

³ Cidade localizada na região Sudeste do Estado da Bahia, com população de aproximadamente 52.012 pessoas, e com área territorial de 2.651,536 km², de acordo com dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Para Mussi et al, (2021) o relato de experiência em um contexto acadêmico pretende, para além da descrição da experiência vivida, (experiência próxima) a sua valorização, através do empenho acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicabilidade crítica-reflexiva com suporte teórico-metodológico (experiência-distante). Através das colocações de Mussi et al, (2021), observa-se o relato de experiência como ferramenta metodológica/científica para narrar e analisar experiências acadêmicas advindas dos diferentes níveis de escolarização, sendo eles na graduação ou pós-graduação, bem como para narrar a experiência da aula de campo no Assentamento Terra Vista.

Oliveira e Assis, (2009) relatam que aula de campo e trabalho de campo não são sinônimos, entretanto, a aula de campo só se torna possível diante de um trabalho de campo executado pelo/a professor/a. Esse trabalho de campo pode ser caracterizado diante de algumas ações, como por exemplo, visita ao local, a busca de informações para construir tabulações para análises prévias, a realização de um esboço de construção de um percurso a ser seguido, bem como, fazer contatos iniciais com diversos espaços estratégicos para condução da aula.

No que compete a aula de campo no Assentamento Terra Vista, ela só foi possível diante o comprometimento de 3 (três) professores regentes das turmas do IV semestre matutino e noturno do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB Campus XII, em que, 2 (duas) professoras do sexo feminino e 1 (um) professor do sexo masculino pleitearam o Edital N° 039/2023, referente ao aviso N° 074/2023, publicado no D.O.E. de 13/05/2023, que tinha como objetivo realizar o apoio financeiro às atividades de campo nos cursos de graduação da UNEB. Diante da aprovação da proposta de aula de campo dos professores regentes das turmas do IV semestre matutino e noturno do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB Campus XII, foi possível o custeamento financeiro dos gastos que teriam antes e no decorrer da viagem até ao Assentamento Terra Vista.

Antes de ser conhecido como Assentamento Terra Vista, o local era uma fazenda chamada Bela Vista, o qual, foi ocupado em 1992, por 360 famílias, após despejos e desafios enfrentados, agricultores/as vivem hoje no local com o lema de “ocupar, resistir e produzir”. Nos anos 2000, o Assentamento Terra Vista iniciou a sua transição agroecológica, onde já se encontra 92% da mata ciliar do Rio Aliança recuperada, assim como 80% das suas nascentes. Com mais de 900 hectares, o Assentamento Terra Vista conta com 313 hectares de Mata Atlântica preservada e 313 hectares de Cacau Cabruca, seguindo um modelo de cultivo Agroflorestal que se encontra em constante expansão (Nasser, 2023).

A aula de campo no Assentamento Terra Vista foi elaborada não somente como viés de visitação, mas também como um momento formativo, avaliativo e de aprendizado, algo que partiu dos/as professores/as regentes das turmas do IV semestre matutino e noturno do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB Campus XII. Foram feitas rodas de conversas com os assentados/agricultores/as, bem como com lideranças do local, no qual, os mesmos puderam contar um pouco da história do Assentamento Terra Vista. Houve também percursos de trilhas para conhecer geograficamente o local, assim como, a elucida o dos assentados perante as a o es que s  o realizadas no Assentamento Terra Vista, sendo elas no âmbito profissional, educacional, pessoal, dentre outras.

Através dos momentos formativos, avaliativos e de aprendizado no Assentamento Terra Vista, fez-se o uso de instrumentos metodológicos/científico para o registro e análise dos dados gerados durante o percurso de observa o no local. Um desses instrumentos metodológicos, foi o diário de campo, ferramenta que, segundo Weber, (2009) exerce a disciplina etnográfica, onde, deve relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posi o es dos/as entrevistados/as, e também para colocar em di s as rela o es entre o etnográfico e os/as pesquisados/as para objetivar a posi o do/a observador/a.

Freitas e Pereira, (2018) abordam que o material produzido no diário de campo se difere de um texto comum, pois, apesar de ser uma escrita científica, permite um distanciamento da experiência registrada e a avalia o do que houve em contraponto com hipóteses e propósitos. Portanto, o diário de campo permite a documenta o dos fatos vivenciados na prática, o que   um dos alicerces da constitui o da identidade profissional.

Para além do diário de campo, utilizou-se também da abordagem qualitativa para a análise dos dados, onde, entende-se através de Esteban, (2010) que uma das características fundamentais dessa abordagem,   sua aten o ao contexto, de maneira que os acontecimentos e fen menos n  o podem ser compreendidos adequadamente se s  o separados daqueles. Os contextos da pesquisa s  o naturais e n  o construídos ou modificados, o/a pesquisador/a qualitativo localiza sua aten o em ambientes naturais, procura respostas referente as suas questão es no mundo real.

As coloca o es de Esteban, (2010) v  o ao encontro com o que Silva e Menezes, (2005) apontam de características da abordagem qualitativa. Silva e Menezes, (2005) consideram que essa abordagem parte de uma rela o entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos que n  o podem ser interpretados em

números. A abordagem qualitativa não requer de métodos e técnicas estatísticas, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta/gerenciamento de dados, o pesquisador é o instrumento-chave.

Portanto, através do uso de instrumentos metodológicos como o diário de campo e da abordagem qualitativa, o presente relato de experiência tem como objetivo analisar as práticas interdisciplinares de uma aula de campo no Assentamento Terra Vista, que ocorreu no período de realização de Tirocínio Docente por parte do primeiro autor do estudo em questão. A escrita deste trabalho se baseia nas observações, vivências e informações compartilhadas pelos moradores e lideranças do Assentamento Terra Vista, durante o período de aula de campo ocorrida no Tirocínio Docente.

Relações extensionistas: A universidade e a comunidade externa

Pensar no ensino superior para além dos muros das Universidades, se faz um movimento dialógico e participativo com a comunidade externa. Se mostra também um fator necessário para compreender melhor o funcionamento e configuração desse coletivo, no qual, as aulas de campo, visitas as comunidades regionais, intercâmbios e projetos de extensão, são algumas das alternativas pensadas, planejadas e executadas pelas universidades para atender e compreender essa comunidade externa.

Visto que o ser humano é naturalmente gregário, desta forma a interação de ideias, costumes, crenças, comportamentos, atitudes, conhecimentos, experiências e valores necessitam ser compartilhados. No campo educacional, essa troca de experiências e saberes visa consolidar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Lima et al, 2021).

Pensando nessa interação e troca de ideias, a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, tem seu trabalho pedagógico pautado na indissociabilidade entre a *Pesquisa, Ensino e Extensão*, busca desenvolver e executar ações que aproximem e possibilitem esse diálogo entre a academia e a sociedade. As aproximações entre a academia e o público externo perpassam pela extensão, demonstrando a colaboração e os conhecimentos desenvolvidos e compartilhados entre ambas as partes, de modo que venha contribuir para toda a sociedade.

Numa perspectiva histórica, a extensão universitária surge a partir dos anos 80 (oitenta), época marcada por um período de redemocratização, posta no final da Ditadura Militar e em movimentos políticos como “Diretas Já”. Através desse contexto, a sociedade passa a exigir da Universidade um compromisso maior com a população, principalmente a população mais

carente. Assim, a extensão surge enquanto elemento que vai resgatar o papel social da Universidade diante a comunidade (Nogueira, 2001, apud De Medeiros, 2017).

Segundo De Medeiros, (2017) algumas problematizações mobilizam essa caminhada: Da forma que a universidade estava sendo orquestrada, ela seria capaz de democratizar o ensino e popularizar o conhecimento para além de seus muros? Como se poderia estabelecer este contato entre as necessidades da comunidade e o fazer universitário? Diante desses questionamentos, surge a extensão universitária.

A partir de um debate amplo e aberto, desenvolvido nos XXVII e XXVIII Encontros Nacionais, realizados nos anos de 2009 e 2010, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras – FORPROEX, apresenta às Universidades Públicas e à sociedade o conceito de Extensão Universitária, no qual, a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino e a pesquisa, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que venha promover a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (Forproex, 2012).

Com base na conceituação, a instituição define uma postura perante a extensão, seu propósito é de um processo educativo, cultural, científico e político, transformando não somente a Universidade, mas toda a sociedade ao seu redor. Extensão Universitária denota também prática acadêmica a ser desenvolvida, como assegura a Constituição de 1988, com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural e social (Forproex, 2012).

Ao longo dos anos, são várias as ações de extensões e relações oriundas das universidades que atravessaram o seu espaço físico, como por exemplo, as bibliotecas universitárias, que segundo Ferreira, (2012) elas podem interferir para diminuir os efeitos excludentes que o mercado editorial e tecnológico gera sobre os consumidores de informação de menor poder aquisitivo, em especial os que vivem abaixo da linha da pobreza.

A visita ao Assentamento Terra Vista parte justamente de uma ação extensionista da Universidade do Estado da Bahia, no qual, a partir de propostas de docentes da UNEB Campus XII, (local de realização do Tirocínio Docente do primeiro autor do vigente relato de experiência) foi possível a realização da atividade de campo ao assentamento.

Diante das ações de caráter extensionista da UNEB, é importante ressaltar que a atividade de campo realizada no Assentamento Terra Vista, parte da aproximação da universidade com os Movimentos Sociais e vice-versa, nesse caso em específico, o MST. Ao longo do tempo, a UNEB reforça o respeito, admiração e a necessidade de se inserir nas

camadas populares, bem como nas populações do campo, entendo-as como uma importante parcela de transformação social.

Reforçando as ações extensionistas das universidades e movimentos sociais, para além das turmas do matutino e noturno do IV Semestre de Licenciatura em Pedagogia pertencentes à UNEB, o Assentamento Terra Vista iria receber um dia após a partida das turmas da UNEB, alunos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Esses intercâmbios demonstram o prestígio, admiração e respeito ao Assentamento Terra Vista diante professores/as, pesquisadores/as, discentes e o público em geral. Demonstram também o caráter educativo dos movimentos sociais do campo, nesse caso em específico, o MST, no qual acabam corroborando para a socialização da educação do campo, educação popular e encurta as relações entre ambas as partes.

O MST é um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para a conquista a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil (MST, 2024). Diante da complexidade e a maneira como a qual a sociedade se molda, o MST se articula através de setores, bandeiras e instrumentos, buscando a efetivação da conquista da reforma agrária.

Para Aliaga e Maranhão, (2021) o MST se tornou um sujeito político relevante, capaz de organizar amplos setores do campo e influenciar também o ambiente político urbano, estabelecendo-se em todas as regiões do Brasil. Aliaga e Maranhão, (2021) ressaltam também que o MST é resultado da auto-organização política popular de um amplo contingente de famílias despossuídas de terra, que reagiram contra a precarização da vida no campo. O Projeto de Reforma Agrária Popular e a matriz agroecológica abriram espaço para novas perspectivas dentro e fora do movimento, formando alianças em toda região latino-americana.

Diante do projeto de reforma agrária implícito dentro do MST, observa-se o seu caráter popular. Esse caráter popular que compete a organização e a maneira a qual o movimento toma as suas decisões e se articula perante as incumbências que lhe aparecem, denotam o seu caráter democrático e participativo, abrindo espaço para as esferas civis participarem e somar com a causa.

Portanto, entende-se a prática extensionista universitária para além da mera execução de cursos para a comunidade externa. Hoje, a prática de extensão envolve a construção de uma proposta de transformação social no sentido de promover ações que dirimam as necessidades dos sujeitos envolvidos e auxiliam no seu crescimento enquanto sujeitos, tanto por parte dos

discentes que venham participar dessas ações, tanto das populações que são alvos delas (Medeiros, 2017).

Portanto, uma das características das ações extensionistas é a criação de laços e compartilhamento de saberes, tanto da parte acadêmica científica quanto popular, reforçando a parceria presente entre a universidade e as camadas populares, principalmente as camadas populares do campo, onde vê-se também suas representações através dos movimentos sociais.

Práticas interdisciplinares vistas no Assentamento Terra Vista

Diante das práticas interdisciplinares observadas no Assentamento Terra Vista, algumas chamaram atenção devido a forma como as populações do local lidam e acabam intervindo a partir do seu contexto. Dentro do campo agroecológico, existe uma relação homem-natureza que perpassam por ações que vão contra o modelo hegemônico atualmente advindo do agronegócio.

As relações dos assentados do Terra Vista com a natureza, enveredam por princípios e saberes ancestrais e culturais, bem como, visam o compartilhamento desses princípios e saberes para outras comunidades que mostram necessidade e compartilham dos mesmos ideais. Diante das relações construídas com o meio ambiente e com as pessoas a sua volta, percebe-se que o Assentamento Terra Vista vem exercendo ao longo do tempo um respeito do homem sobre a natureza, em que os assentados reforçam e adotam um discurso agroecológico e contra hegemônico.

A exemplo desse respeito do homem sobre a natureza e a utilização do manejo agroecológico no Assentamento Terra Vista, observa-se o histórico de preservação e reflorestamento das matas que se encontram no local. Diante das falas de um homem visto como liderança no assentamento, o mesmo compartilha que quando ocuparam o local, existia uma degradação do ambiente, consequência das práticas da monocultura de algumas espécies, bem como, a utilização de insumos agroquímicos.

Essa liderança compartilha também o forte impacto e influência de Ana Maria Primavessi, engenheira agrônoma, pesquisadora, professora e uma das principais referências no Brasil quando abordado a temática da agroecologia, para a transição agroecológica no assentamento. Essa influência se consolidou a partir da visita de Primavessi ao Assentamento Terra Vista para compartilhar os seus conhecimentos agroecológicos para os assentados.

Ao longo de mais de três décadas residentes e resistentes no Assentamento Terra Vista, os/as agricultores/as familiares vem consolidando a sua perspectiva de “Bem Viver”, unindo os

processos produtivos na terra com a obrigação do cuidado com a natureza, experimentando e compartilhando a agroecologia, deixando evidente que é possível conceber um outro universo livre do agronegócio e das suas ações de devastações, sendo solidários e encorajando a luta em favor da vida digna (Nasser, 2023).

Durante a visita no Assentamento Terra Vista, foi perceptível observar uma variedade de espécies vegetais que são cultivadas no local sob uma perspectiva agroecológica. Nos momentos de observações no assentamento e das trilhas realizadas no espaço, foi possível notar em maior quantidade as plantações de cacau e cupuaçu. O cupuaçu é cultivado para o consumo dos povos do campo do assentamento e para a comercialização, gerando renda e desenvolvimento para os mesmos. Até onde se tem conhecimento, o cacau é utilizado para a fabricação do chocolate orgânico do MST, no qual, depois de um longo processo de colheita, secagem e utilização dos nibs de cacau, fabrica-se as barras de chocolates, outra importante fonte de renda do Assentamento Terra Vista.

Para além do cacau e cupuaçu que foram observados como umas das principais espécies de comercialização e consumo, o Assentamento Terra Vista conta com uma variedade de plantações de espécies vegetais, como por exemplo, as frutíferas, hortaliças e leguminosas. Dentre essas espécies observadas, a pitanga, o abacate, a acerola, a manga, a melancia e dentre outras espécies, são as mais vistas nos momentos de observações e percursos feitos no Assentamento Terra Vista.

Diante das variedades de espécies de frutíferas, hortaliças e leguminosas no Assentamento Terra Vista, percebe-se uma relação que se configura homem-natureza. O homem vê-se como igual e como parte da natureza, assim, enxerga nela também a sua fonte de subsistência, mas sem que ocorra a sua destruição, mas sim, respeitando os seus ciclos regenerativos. Arranjo diferente da relação posta pelo modelo capitalista, em que o homem se vê superior a natureza, tirando dela de forma desenfreada a sua subsistência, destruindo-a e não respeitando os seus ciclos regenerativos.

Portanto, as práticas agroecológicas do MST perpassam por uma dimensão educativa e emancipatória, fazendo com que o movimento seja visto como referência às questões ambientais, em conjunto com a sua bandeira na luta de um projeto popular da Reforma Agrária. As relações construídas pelos povos do campo do Assentamento Terra Vista, em conjunto com a natureza, evidenciam o seu viés de respeito e harmonia com a flora ao seu redor, e se contrapõem ao viés imposto pelo capital, no qual, tem como principais características o uso de

agrotóxicos e as monoculturas, ações que impactam diretamente o solo e a vida das populações que tiram o seu sustento e alimento do campo.

Outra prática interdisciplinar vista, refere-se à participação das juventudes nas atividades do assentamento. Essas atividades partiam desde a organização, até a confecção de trabalhos voltados para questões estruturais e principalmente agroecológicas. Ou seja, vê-se uma participação das juventudes nas atribuições voltadas para a manutenção do assentamento.

Dentre as atividades que foram observadas e que são geridas pelas juventudes do Assentamento Terra Vista, as que ficaram mais evidentes foram os manejos agroecológicos nas matas e o gerenciamento de uma fábrica escola de chocolates. O manejo agroecológico tinha como finalidade principal a manutenção da mata, assim como, a sua preservação. Não se sabe ao certo como funcionava o gerenciamento da fábrica escola de chocolates, pois o mesmo não foi possível observar ou registrar devido a logística territorial do local e do momento. Entretanto, foi constatado que da plantação Cabruca de cacau, até o seu processamento na fábrica escola para a produção de chocolates, via-se a participação das juventudes oriundas do Assentamento Terra Vista.

A participação das juventudes aos postos de trabalhos no Assentamento Terra Vista, é abordado por Lizarazo e Thomaz, (2016) como ações que perpassam às realidades de territorialidade, assim como, explorações e dominações do capital. Para esses autores, comparece nas juventudes do campo a disponibilidade de deslocamento, uma das “qualidades” ou “atitudes” características das juventudes rurais para se acomodar aos embates do mundo do trabalho.

A disponibilidade de deslocamento, saindo tanto da cidade quanto do campo para o campo, foi observada na população do Assentamento Terra Vista, em evidente, o deslocamento das juventudes. Pois, segundo anotações do pesquisador através das falas de uma liderança feminina do assentamento, existiam muitas pessoas, bem como, jovens, que chegaram posteriormente no assentamento, e que de alguma forma procuravam se entrosar e contribuir para a manutenção do mesmo.

Lizarazo e Thomaz, (2016) abordam também que as juventudes do campo se envolvem em uma lógica da mobilidade territorial, colocando-se como força de trabalho em movimento, seja no território ou entre territórios, seja entre categorias, com aparentes características adaptativas altamente valorizadas pelas companhias.

A migração de povos do campo para outros territórios, em específico das juventudes do campo para a cidade, nem sempre ocorre com essa configuração campo-cidade. No caso das

juventudes do campo que residem no Assentamento Terra Vista, observa-se que em alguns casos, existem jovens que saíram de suas casas localizadas em territórios rurais, para residirem e trabalhar no assentamento, também localizado em um território rural, assim, configurando uma migração campo-campo.

Não se sabe ao certo os motivos que direcionaram as juventudes do campo ao encontro do Assentamento Terra Vista, entretanto, diante do trabalho de Castro et al, (2009) é possível observar uma agravante de maneira geral observada nas juventudes rurais para saírem do campo, que é o não acesso à terra.

Segundo Castro et al, (2009) umas das demandas citadas entre as juventudes do campo participantes do seu estudo para que os levassem a saírem do campo, está na dificuldade de acesso à terra. Essa questão foi tratada de duas maneiras distintas e que se relacionam: a dificuldade de adquirirem terra, seja pela reforma agrária, seja como pequenos proprietários; e a dificuldade de atuarem de forma compartilhada na terra dos seus pais, o que caracterizaria o não se sentir proprietário ou responsável juntamente com os familiares.

Lopes e Carvalho, (2015) ressaltam também que em muitos casos, esses jovens se inserem na luta pela terra por meio da decisão familiar, com o objetivo de melhoria da qualidade de vida, tendo que mudar de residência, escola, e se afastar de uma rede familiar e comunitária, e a partir deste marco, constroem novos projetos de vida em outro espaço.

No Assentamento Terra Vista, viu-se uma tomada de ações que contavam do início ao fim com a participação das juventudes, com base nas falas de uma liderança feminina do local. No gerenciamento da fábrica escola de chocolates, por exemplo, era todo composto por jovens que faziam parte do Assentamento Terra Vista, da coleta do cacau, até a fabricação da barra de chocolate. O chocolate produzido na Fábrica Escola do Chocolate Litoral Sul pela juventude do campo do Assentamento Terra Vista, parte de um cacau orgânico e de base agroecológica, sua produção perpassa em quatro diferentes versões, 39%, 56%, 76% e 100% cacau. Uma diversidade de opções para diferentes gostos. (Diário de Campo, 2023)

Sendo assim, as relações de trabalho observadas no Assentamento Terra Vista perante as juventudes que residem no local, perpassam por uma relação identitária e cultural, uma relação de valorização do ambiente em que esses jovens residem. Identitária e cultural por compreender que é do campo que essas juventudes vêm construindo os seus projetos de vida, atuando como protagonistas das suas próprias realidades, como também, exercendo a valorização do campo a partir de um contexto ambiental e agroecológico.

Entretanto, vale ressaltar que a vida nos assentamentos não é fácil, ao mesmo tempo em que ela aponta para a construção de outras possibilidades e identidades, ela demonstra obstáculos que acabam dificultando a permanência dos jovens no campo. Se por um lado, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas juventudes assentadas o campo se apresenta como uma alternativa viável para o projeto de vida, por outro lado, existem desafios para concretizar os projetos de reforma agrária numa perspectiva que venha contemplar várias gerações, em um mesmo espaço, sem que isso represente uma constante luta pela terra (Lopes e Carvalho, 2015).

Considerações Finais

Através das elucidações tratadas no presente relato de experiência, percebe-se algumas práticas interdisciplinares observadas no Assentamento Terra Vista. Essas práticas perpetuam pelo campo ambiental, trazendo à tona o viés agroecológico adotado pelos assentados do local, bem como, as relações entre juventudes do campo e trabalho, evidenciando as perspectivas de futuro abordadas pelos povos do assentamento.

As práticas interdisciplinares vistas no decorrer do relato de experiência, fazem parte de ações extensionistas geridas pela universidade, em específico, a Universidade do Estado da Bahia – UNEB. As ações de extensão visam a união entre universidade e comunidade externa, trazendo à tona o beneficiamento de ambas as partes e expandindo os saberes científicos e populares para o público em geral.

Ressalta-se também a abertura dialógica e participativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST, que junto a universidade e a comunidade externa, contribuem para a emancipação e a soberania popular. Seu Projeto Popular de Reforma Agrária engloba os setores de formação, os instrumentos e as bandeiras, que são formas de organização frente aos desafios enfrentados ao longo desses 40 anos de existência.

São muitas as práticas interdisciplinares observadas no Assentamento Terra Vista e que não foram postas aqui no presente relato de experiência. Diante o pouco tempo de estadia no espaço, não foi possível observar e relatar com tamanha exatidão esses fatos. Entretanto, o assentamento engloba questões *educacionais* que merecem espaço e atenção para dialogo nas futuras produções acadêmicas que vierem referencia-los. Ficando assim, uma sugestão.

Referências

ALIAGA, Luciana; MARANHO, Fernanda. O MST e a agroecologia: entre autonomia e subalternidade. **Revista Katál** – Florianópolis, v. 24, n.º. 3, p. 576-584, set/dez, 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79736>. Acesso em: 15 abr, 2024.

CASTRO, Elisa Guaraná de; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé Lima Ferreira de; RODRIGUES, Maria Emilia Barrios; CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: Fundamentos e tradições** / Maria Paz Sandín Esteban. Tradução Miguel Cabrera. – Porto Alegre, AMGH Editora Ltda, 2010.

FORPROEX, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidade Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Forproex, 2012.

FERREIRA, Rubens da Silva. Transpondo muros, construindo relações: Uma reflexão sobre bibliotecas universitárias e extensão no Brasil. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação** – Campinas, v. 9, n.º. 2, p. 75-88, jan/jun, 2012.
<https://doi.org/10.20396/rdbci.v9i2.1912>. Acesso em: 15 abr, 2024.

FREITAS, Mateus; PEREIRA, Eliane Regina. O diário de campo e suas possibilidades. **Quaderns de Psicologia**, v. 20, n.º. 3, p. 235-244, mai/set, 2018.
<https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>. Acesso em: 05 jan, 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Ibge.gov.br. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/arataca/panorama>. Acesso em: 03 jan, 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Ibge.gov.br. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caetite/panorama>. Acesso em: 03 jan, 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Ibge.gov.br. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/guanambi/panorama>. Acesso em: 04 jan, 2024.

LIMA, Ana Lúcia da Silva; ZANELLA, Fábio; GIMENES, Gabriela Martins; PIN, Camila Maria da Silva; ALBUQUERQUE, Bianca Rodrigues; NASCIMENTO, Jessica Aparecida de Souza; SANTOS, Debora Juliete Pereira Correia. Interação total entre o campus Assis Chateaubriand – Instituto Federal de Educação do Paraná e a comunidade Externa. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 12, n.º. 1, p. 77-87, jan/abr, 2021.
<https://doi.org/10.36661/2358-0399.2021v12i01.11460>. Acesso em: 15 abr, 2024.

LIZARAZO, Robinzon Piñeros; JUNIOR, Thomaz Antonio. Juventude rural e mobilidade territorial do trabalho no século XXI. **Revista Pegada**, v. 17, n.º. 2, p. 251-268, set/dez, 2016.
<https://doi.org/10.33026/peg.v17i2.4726>. Acesso em: 12 abr, 2024.

LOPES, Leandro Gomes Reis; CARVALHO, Denis Barros de. **Dinâmica Temporal do Assentamento e os Projetos de Vida da Juventude Rural**. RESR, Piracicaba – São Paulo, v. 53, n.º. 04, p. 571-588, out/dez, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005304001>. Acesso em: 12 abr, 2024.

MEDEIROS, Maria Márcia de. A Extensão Universitária no Brasil – Um Percorso Histórico. **Revista Barbaquá/UEMS** – Dourados – MS, v. 1, n.º. 1, p. 09-16, jan/jun, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/article/view/1447>. Acesso em: 15 abr, 2024.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **Apresentação**. mst.org.br, 2024. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 15 abr, 2024.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n°. 48, p. 60-77, out/dez, 2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 03 jan, 2024.

NASSER, Rafique. **Assentamento Terra Vista: 31 anos de resistência**. Teiadospovos.org, 2023. Disponível em: <https://teiadospovos.org/assentamento-terra-vista-31-anos-de-resistencia/>. Acesso em: 04 jan, 2024.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Souza de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n°. 1, p. 195-209, 2009.

PROGRAD (Bahia). Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Edital de licitação n° 189/2007. Pregão n° 151/2007. [Edital de Apoio Financeiro à Realização de Atividades de Campo]. **EDITAL N° 039/2023**: Referente ao Aviso N° 074/2023, publicado no D.O.E. de 13/05/2023, Salvador, ano 074, n. 039, p. 1-8, 13 maio 2023. Disponível em: <http://prograd.uneb.br>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SANTOS, Davilene Souza; SOUZA, Adriana Serafim de; ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. A comunicação científica das práticas interdisciplinares em processos de aprendizagem: uma análise entre 2010-2020. **Revista Informação em Pauta** – Fortaleza, v. 5, n°. 2, p. 56-70, 2020, jul/dez, 2020. <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v5i2.2020.44072.56-70>. Acesso em: 15 abr, 2024.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação** / Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4° ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.

WEBER, Florence. **A Entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?**. Horizontes Antropológicos – Porto Alegre, n°. 32, p. 157-170, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>. Acesso em: 05 jan, 2024.

Autor 1:



Wisley Miranda Pereira

Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS.

Email: wisley08gbi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3618691456656404>

Orcid: <http://orcid.org/0009-0006-9857-7669>

Autor 2:



Edna Souza Moreira

Doutora em Educação Conhecimento e Inclusão Social pela UFMG;
Mestre em Educação e Contemporaneidade pela PPGEduC – UNEB;
Licenciatura em Pedagogia pela UNEB. Professora adjunta da UNEB
Campus DCHT-XVII.

Email: esmoreira@uneb.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4589518670460111>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1559-0392>